

IMIGRAÇÃO BRASILEIRA PARA O SUL DA FLÓRIDA

Valéria Barbosa de Magalhães*

Este texto apresenta conclusões parciais de minha pesquisa de doutorado, resultantes de trabalho de campo realizado no Sul da Flórida. A coleta de dados, baseada em histórias de vida, foi iniciada em novembro de 2002, encontrando-se ainda em andamento.¹ O texto é uma descrição das principais características da imigração de brasileiros para a região, tendo por base os critérios de geografia, origem social e orientação sexual. Além dessa descrição, os últimos parágrafos discorrerão sobre o uso da história oral no trabalho de campo.

A única maneira de se saber o número de brasileiros vivendo nos Estados Unidos é através de estimativas, pois a grande quantidade de indocumentados dificulta uma contagem mais precisa. Igrejas, jornais e consulado supõem que o total de brasileiros na Flórida varie entre 150 mil e 250 mil, mas as tentativas consulares de contagem desses imigrantes, através de registro junto ao seu escritório, não resultaram em sucesso porque muitos o associaram ao serviço de imigração norte-americano. Dessa maneira, um melhor conhecimento sobre quantos são esses conterrâneos vivendo em terras americanas ainda está por acontecer. Segundo Lúcio Amorim, cônsul brasileiro em Miami, a única maneira de se saber o número de brasileiros residentes no exterior seria a inclusão de uma pergunta no censo brasileiro sobre a existência de um membro da família vivendo no exterior e sobre onde essa pessoa estaria morando. Para o Censo de 2000, foi feita a proposta de inserção dessa questão, porém o custo da modificação foi além da disponibilidade financeira do governo.

Alguns dados numéricos, entretanto, podem ser alcançados através de informações do Serviço de Imigração e do Censo norte-americanos. Eles apontam para a importância e o crescimento do total de brasileiros vivendo nos Estados Unidos. Camarota e McArdle,² por exemplo, mostram que a quantidade desses imigrantes nos Estados Unidos cresceu 158% entre os censos de 1990 e 2000, o maior crescimento dentre os quarenta países analisados pela tabela constituída pelos autores. Especificamente no caso da Flórida, o

total de brasileiros contados pelo censo subiu de 8.682, em 1990, para 43.082, em 2000. A título indicativo (uma vez que os imigrantes indocumentados tendem a não responder ao censo), esses dados refletem um aumento da imigração brasileira que foi superior ao de qualquer outro grupo nos Estados Unidos por dez anos. Apesar disso, o Brasil nem chega perto do principal país de envio de estrangeiros para a América. Enquanto o México foi responsável pela presença de um total de 9.161.419 imigrantes no país (Censo 2000), os brasileiros declarados no censo do mesmo ano eram apenas 211.260. Os números do Censo americano estão longe de coincidir com as estimativas sobre brasileiros nos Estados Unidos, que calculam de um total de 1,5 milhão a 3 milhões, mas são indicativos do crescimento da importância desse grupo imigrante em território americano.

Outro dado significativo vem do Immigration Nacional Service (INS) americano. Segundo dados desse instituto, o número de brasileiros esperando por deportação no ano de 2002 era de 3.493, enquanto o total de deportados foi de 2.510. Em 1997, os brasileiros removidos do território americano contavam apenas 329 indivíduos, o que reforça, por caminho diferente daquele apontado pelo Censo, um crescimento da importância da imigração brasileira para território americano.³

O fato é que, apesar de a imigração brasileira ser ínfima se comparada a outros tipos de imigração para os Estados Unidos, ela vem crescendo consideravelmente e a década de 1990 representou um grande aumento do número de conterrâneos na América.

Os anos 1980 foram um marco para a emigração de brasileiros para o exterior, apesar de o Brasil ter se caracterizado historicamente como receptor de imigrantes. As motivações socioeconômicas que justificaram o início da saída de brasileiros do país foram a recessão econômica e as frustrações da população com a situação que o país vivenciou a partir da abertura política. Além disso, a imagem dos Estados Unidos como terra de oportunidades e a estrutura dual do mercado de trabalho mundial⁴ constituíram fortes fatores de atração de novos imigrantes para a terra do Tio Sam. A continuidade desse fluxo migratório na década de 1990 foi conseqüência da grave crise social no Brasil, que perdura até hoje (desemprego e aumento da miséria e violência). Veremos mais adiante, no entanto, que somente essas razões estruturais não constituem explicação suficiente para a forte presença de brasileiros no Sul da Flórida.

A análise das características da imigração brasileira no Sul da Flórida exige um esforço de diferenciação entre os destinos dos imigrantes brasileiros nos Estados Unidos, pois essa migração é diversa de outras cidades norte-americanas para onde tenham se dirigido os brasileiros. Ela agrega algumas características especiais, que são:

- a maior proximidade lingüística e cultural com o Brasil pela larga presença de latinos em Miami;
- a península da Flórida é o ponto mais próximo ao Brasil nos Estados Unidos;
- a presença significativa de missionários evangélicos brasileiros em North Broward;
- o clima da região é semelhante ao clima tropical do Brasil e não há inverno rígido como em outras regiões dos Estados Unidos;
- Miami concentra um grupo não desprezível de empresários que foram para a Flórida em função da instalação de empresas brasileiras ou multinacionais, a partir da década de 1980, e alguns representantes da elite econômica brasileira optaram por residir em suas propriedades na região; e
- South Beach e Wilton Manors atraem *gays* do mundo inteiro por sua característica de tolerância aos diferentes tipos de orientação sexual e pelo estilo de vida *gay* que proporcionam.

Os elementos descritos acima definem a lógica de distribuição geográfica dos brasileiros no Sul da Flórida e explicam a maneira como esses imigrantes se relacionam e identificam uns aos outros.

O estado da Flórida se divide em 68 condados e os brasileiros podem ser encontrados por todo o seu território, principalmente nos condados de Miami-Dade e Broward e cidades como Orlando e Fort Meyers. Este trabalho se limita apenas aos dois primeiros, que se localizam no extremo Sudeste do estado. O recorte escolhido se explica por várias razões. Uma delas é que Miami-Dade e Broward concentram a maior quantidade de brasileiros na Flórida. Além disso, Miami tem uma história de recepção da comunidade brasileira mais antiga do que outros locais, a qual foi iniciada com a entrada de empresas multinacionais que importaram *business men* brasileiros. Eles trouxeram suas famílias e contribuíram para o início de uma rede de imigração de seus conterrâneos.

Outro fator que marcou a história dos brasileiros em Miami (e que justifica sua inclusão na pesquisa) foi o *boom* do turismo de brasileiros do final da década de 1980, acompanhado da mudança de hábitos de consumo no Brasil. A consequência foi a abertura, em Downtown, de uma infinidade de lojas destinadas a esse público turístico e de sacoleiros, que iniciaram um nicho de mercado de trabalho para indocumentados que falassem português e começaram uma nova rede de entrada de imigrantes. Ao mesmo tempo, essas lojas abasteciam sacoleiros em busca de novidades eletrônicas ainda não lançadas no Brasil.

A desvalorização do real marca o “fim da era Downtown”, quando lojas brasileiras foram fechadas (como os casos da Victor’s e a Yes Brasil) e, conseqüentemente, muitos

brasileiros perderam seus empregos. Alguns desses desempregados voltaram para o Brasil, mas parte deles foi realocada em outros setores do mercado de trabalho como mão-de-obra não-qualificada. A permanência de alguns deles em Miami parece ter sido determinada, prioritariamente, pela espera de resultado dos pedidos de legalização. Já os donos das lojas voltaram para o Brasil ou tentaram novos negócios com importação e exportação em Miami. Hoje, o número de lojas brasileiras em Downtown é insignificante se comparado aos relatos dos entrevistados sobre a paisagem desse centro no final da década de 1980 e começo de 90.

Atualmente, os brasileiros se encontram espalhados por toda parte em Miami-Dade, mas algum padrão de distribuição pode ser notado, conforme a descrição geográfica abaixo:

- Kendall: há uma importante parcela de brasileiros residindo nessa região por causa da expansão imobiliária ocorrida nos últimos anos, que proporcionou o financiamento de casas em condomínios mais baratos que no Leste do condado. Kendall concentra famílias brasileiras que trabalharam durante muitos anos e que conseguiram passar pelo processo de legalização. Lojas brasileiras em Kendall: I Love Brasil, Fashion Brasil, Mercado Brasil, Mr. Eat e Restaurante Papichi;
- Brickell, Key Biscayne, Coral Gables e Pinecrest: por serem áreas de alto valor imobiliário, concentram brasileiros empresários, investidores e pessoas com alto poder aquisitivo que possuem casas em Miami. Os espaços caracteristicamente frequentados por esses grupos são as galerias de arte de artistas do Brasil, os almoços do Centro Cultural Brasil-USA e da Câmara Comercial Brasil-EUA e o restaurante Porcão. Alguns estudantes e intelectuais também residem nessas regiões, bem como em Kendall. Em Brickell há quatro restaurantes brasileiros: Tutto Pizza, Tutto Pasta, Porcão e, em South Miami, o Bistrô Brasil. As lojas da região são a Brasil Mania e Basil, em Coconut Grove;
- Miami Beach: os brasileiros podem ser encontrados ao longo de toda a região costeira. Solteiros e gays tendem a se concentrar em South Beach, que é a parte turística e também gay de Miami. Muitos trabalham como garçons, *hostess*, dançarinos, funcionários de hotéis etc. Nas proximidades das ruas 70 e 80, algumas famílias brasileiras podem ser encontradas devido à intensa presença de argentinos. Aventura, ao noroeste de Miami Beach, concentra condomínios de alto padrão e, por ser uma área com presença de muitos judeus, atrai brasileiros de origem judaica. Em Miami Beach há os restaurantes brasileiros Gil's, Rio, Cipo's Café e Picanha's Grill e a loja Via Brasil. A praia brasileira de Miami se localiza próxima à rua 3, onde há constantemente jogos de futevôlei e frescobol;

- Downtown: essa área já abrigou uma grande diversidade de comércio brasileiro, hoje consideravelmente diminuída. Algumas lojas e restaurantes ainda permanecem, como é o caso do restaurante Camilla's; e
- Outros locais: Doral, por exemplo, tem características parecidas com o mercado imobiliário de Kendall, recente. Áreas como essa costumam atrair muitos brasileiros.

Ao contrário da espalhabilidade de brasileiros que existe em Miami-Dade, a presença brasileira no norte do condado de Broward é bastante visível, especialmente em Pompano Beach e Deerfield Beach, e parece ter sido intensificada na década de 1990. Os brasileiros passaram a se dirigir a Broward atraídos por fatores múltiplos, tais como as redes formadas por igrejas evangélicas que enviaram missionários para a região, as redes de amigos e parentes que puxaram outros imigrantes e a transferência de brasileiros que viviam em outras regiões dos Estados Unidos para abrirem negócios na Flórida. Outros fatores de atração de brasileiros para Broward são: a fraca presença de imigrantes latinos – fortes concorrentes no mercado de trabalho migrante de Miami – e a diferença de custo de vida em comparação ao outro condado.

O comércio de brasileiros se encontra concentrado especialmente no quadrilátero delimitado pelas avenidas e ruas: Atlantic Blvd., US1, Hillsboro Blvd. e Florida Turnpike, mas as áreas de residência se espalham para fora desses limites, em bairros e municípios como Margate, Cypress Creek, Coral Springs, Fort Lauderdale e Hollywood. Os locais de residência desses imigrantes têm se estendido também ao condado de Palm Beach, especialmente para Boca Raton. As áreas onde vivem os brasileiros em Broward são habitadas também por brancos e negros americanos, diferentemente de Miami, onde os brasileiros compartilham espaço também com os latinos.

Dentro da delimitação geográfica descrita acima, há *malls*, uma infinidade de lojas especializadas em produtos da terra natal, lojas de remessas de dinheiro e passagens aéreas, danceterias, restaurantes, salões de beleza, igrejas evangélicas em português, igrejas católicas e centros espíritas. Deerfield abriga a praia dos brasileiros em Broward (no encontro da Hillsboro Blv. e a NE Ocean Drive. O píer demarca a divisão entre frequentadores brasileiros ou americanos), onde ocorrem muitos eventos que celebram a cultura brasileira.⁵

A marcante presença de brasileiros em Broward permite que uma pessoa que more em Pompano ou Deerfield Beach possa viver nos Estados Unidos durante anos, consumindo somente produtos brasileiros, sem nunca precisar falar inglês ou espanhol ou ter nenhum

contato com pessoas de outra nacionalidade, como é o caso de muitos dos meus entrevistados. Em Miami-Dade, quem vem do Brasil terá que se defrontar, pelo menos uma vez por dia, com alguém de outra cultura, seja na rua, no trabalho ou no comércio.

Em Broward, pode-se observar uma diversidade racial de brasileiros maior do que aquela encontrada em Miami-Dade. Negros, brancos e mulatos brasileiros misturam-se na paisagem de Pompano e Deerfield, enquanto em Miami a presença de negros é menos intensa, de maneira que alguns entrevistados de Miami disseram não saber que havia negros brasileiros no Sul da Flórida.

Outra presença marcante na comunidade brasileira em Broward são as igrejas evangélicas, que acabam por preencher as lacunas institucionais de apoio ao imigrante. As igrejas em Pompano e Deerfield oferecem serviços para as questões de imigração e apoio financeiro (doação de móveis e comida), além do apoio emocional necessário para o enfrentamento das dificuldades trazidas pela vida em um novo país.⁶ Segundo o consulado, na Flórida há cem igrejas evangélicas brasileiras, quatro igrejas católicas, quatro centros espíritas e um centro de umbanda.

Muito se tem dito sobre a presença de brasileiros provenientes de diversas classes sociais em Miami e a mídia tem contribuído para a idéia simplista de que essa comunidade brasileira do local seria proveniente de diferentes classes sociais. Entretanto, a hierarquia social interna ao grupo em Broward e Miami-Dade obedece a arranjos que combinam origem social de classe no Brasil e situação financeira e de *status* na Flórida.

Entender classe social nesse contexto não é tarefa simples. Se considerarmos a divisão de classe baseada na posse de bens de consumo comumente estabelecida por órgãos de pesquisa no Brasil, teremos um problema. Nos Estados Unidos, a possibilidade de consumo é muito mais democratizada do que no Brasil e a estabilidade econômica, somada ao sistema de crédito, permitem que até os mais desafortunados tenham acesso a algum tipo de consumo – especialmente de eletrônicos, carros e casas (mesmo sem documentos é possível se comprar bens nos Estados Unidos, uma vez que um Social Security falso – mais conhecido pelos brasileiros como “Silvio Santos” – substitui a falta do original) – que no Brasil classificariam o seu possuidor como componente da classe média para cima. Da mesma maneira, um brasileiro que possua uma casa, um bom carro e um computador em Pompano Beach não necessariamente veio da classe média no Brasil. Há casos de pessoas de origem muito pobre na terra natal, hoje fazendo faxina em Miami, que em termos de acesso ao consumo estão vivendo melhor do que a classe média-alta brasileira.

Por outro lado, a posse de capital cultural e de documentos faz diferença em termos de posição social dentro da comunidade brasileira no Sul da Flórida. Falar inglês e espanhol e ter uma formação acadêmica e humanista pode implicar uma inserção muito diferente nessa

comunidade. Não se pode negar, contudo, que uma pessoa que tenha migrado com um cargo de chefia de uma empresa e já com documentos não tenha um acesso diferenciado aos bens de consumo, especialmente no que diga respeito ao consumo cultural. A inserção em um determinado grupo dentro da comunidade brasileira é definida pela posse de capital cultural, atrelada à posse de documentos e à origem social do imigrante.

Em consequência dessa hierarquia de *status* que combina os fatores mencionados acima, os brasileiros que moram em Miami vêem os residentes de Broward como procedentes de uma camada social mais baixa e como possuidores de menos cultura: “os brasileiros que vivem em Pompano de Deerfield não têm cultura, é o povo que veio para cá para juntar dinheiro, não quer estabelecer laços com os Estados Unidos, mas eu não...”.⁷ Esse tipo de identificação do outro brasileiro vale também para a maneira como diferentes grupos dentro de uma mesma área geográfica vêem uns aos outros. A hierarquia social dentro da comunidade brasileira no Sul da Flórida obedece mais a critérios de *status* do que a critérios econômicos.⁸

Essa lógica interna à comunidade brasileira no Sul da Flórida (que se baseia em uma hierarquia de *status* e que é determinada pelos fatores mencionados nos parágrafos anteriores) responde, em parte, à preocupação recorrente entre os brasileiros que vivem no Sul da Flórida sobre o porquê de a “comunidade não ser organizada e unida”. Uma das razões da desunião dessa comunidade é a total falta de identificação interna entre os diferentes grupos de brasileiros que fazem parte dela.⁹ Não há a menor possibilidade de um grupo de empresários e suas famílias se identificarem com os problemas de um ex-operário, que está nos Estados Unidos sem documentos e que saiu do Brasil para juntar um dinheirinho para melhorar sua vida na cidade natal. Outros fatores que explicam essa suposta “falta de união” dos brasileiros seriam, primeiro, o fato de os brasileiros, comparativamente a outros grupos de imigrantes, terem chegado muito recentemente no Sul da Flórida; segundo, a imigração de brasileiros ser relativamente pequena em termos numéricos; e, por último, haver a espalhabilidade que há entre os brasileiros pelo Sul da Flórida, a qual dificulta uma convivência mais constante entre as pessoas.

Outro aspecto importante que diferencia a comunidade de brasileiros da Flórida de outros locais nos Estados Unidos seria algo não suficientemente estudado pela literatura sobre imigração: a orientação sexual. Há uma quantidade considerável de *gays* e *lésbicas* brasileiros vivendo no Sul da Flórida,¹⁰ que concentra a terceira maior população *gay* dos Estados Unidos. Áreas como South Beach (em Miami) e Wilton Manors (em Fort Lauderdale) agregam uma população *gay* que gira em torno de espaços de lazer, comércio e serviços especializados.

A análise da imigração de *gays* brasileiros para o Sul da Flórida não pode, sob nenhuma hipótese, partir dos mesmos pressupostos que explicam a imigração de heterossexuais, pois os mesmos têm estilo de vida específico e as razões de sua permanência no exterior são diferenciadas de outros grupos. As hipóteses que justificam a presença dos *gays* brasileiros na região podem ser resumidas em dois aspectos que devem ser associados a conjunturas econômicas específicas:

1. fuga de situações de discriminação e inaceitabilidade por parte da família ou sociedade no Brasil; e
2. identificação com um modo de vida especificamente *gay*, proporcionado pela coesão entre os homossexuais nos Estados Unidos.

As explicações que os *gays* apresentam para sua decisão de morar na Flórida são baseadas na discriminação no Brasil, mas uma análise mais atenta às suas histórias de vida mostra que é preciso precaução com sua justificativa mais imediata. Outros fatores explicativos para a migração devem ser somados àquele freqüentemente declarado pelos *gays*, tais como a origem regional (*gays* provenientes da região Nordeste tendem a ter tido mais problemas de discriminação do que aqueles que vieram de cidades grandes do Sul e Sudeste) e de classe (*gays* de famílias mais bem-sucedidas economicamente podem ter tido a ajuda da família para se afastar do Brasil em função de sua condição *gay*), as desilusões amorosas, as dificuldades econômicas e o fascínio que o estilo de vida *gay* da Flórida exerce sobre os homossexuais do mundo inteiro.

Apesar de o Brasil ter melhorado, nos últimos anos, em termos de tolerância à homossexualidade,¹¹ o país ainda é conservador nesse sentido e os *gays* freqüentemente são vítimas de discriminação e sofrem ameaças e hostilidade por parte de suas famílias e da sociedade. Essa situação conduz muitos *gays* a deixarem o país em busca de liberdade de opção sexual e respeito à sua dignidade. Alguns *gays* brasileiros têm conseguido *status* de asilo nos Estados Unidos alegando perseguição no Brasil em função de sua orientação sexual, como é o caso de um dos meus entrevistados. Ele conseguiu o visto americano após provar na corte americana que sofreu agressões no Recife. Sua advogada possui uma documentação de novecentas páginas que prova que o Brasil é um dos piores países do mundo em termos de desrespeito aos *gays* e lésbicas.¹² A presença de *gays* e lésbicas brasileiros na Flórida se justifica, enfim, por uma combinação de vários fatores, alguns deles não comuns aos heterossexuais.

No que se refere à organização institucional de brasileiros, são relevantes: as associações, as igrejas e os periódicos. Em caráter de associação pode-se destacar o Centro

Cultural Brasil–Estados Unidos (CCBU), atrelado ao Consulado, que se localiza em Miami e tem por objetivo promover eventos culturais que divulguem a cultura brasileira. Esse centro coordenou também a abertura da primeira escola bilíngüe de português da Flórida, a Ada Merritt. A Câmara Comercial Brasil–Estados Unidos é outra associação importante, que congrega empresários brasileiros, hispanos e americanos e promove eventos para seus associados, tais como almoços e jantares. De fato, há poucas instituições que representem a comunidade brasileira no Sul da Flórida; além das enumeradas acima, há a recém-criada Brazilian Unity Association (que tem por objetivo discutir os problemas da comunidade em Broward e que ainda não iniciou suas atividades) e o Brazilian Help Center, em Pompano (que oferece alguns tipos de serviços e ajuda à comunidade).

Em contraposição à falta de instituições ligadas à comunidade brasileira, chega a chocar a quantidade de periódicos destinados a esse público no Sul da Flórida, especialmente se considerarmos que os brasileiros não devem ultrapassar a marca de 250 mil na região. Até o mês de setembro de 2003, durante o trabalho de campo, foram contados 21 tipos de publicações destinadas a brasileiros, quase todas de distribuição gratuita. Analisar essas publicações na Flórida é tarefa quase impossível, devido ao lançamento quase que semanal de novos jornais e revistas.

Mais do que elemento de divulgação de notícias sobre o Brasil, jornais e revistas constituem uma maneira de se ganhar dinheiro. Para se abrir um jornal na Flórida não é necessário mais do que um computador e alguns anunciantes. O que sustenta o jornal são os anúncios e isso explica a grande quantidade de publicações que abrem e fecham a todo momento. Os contabilizados neste trabalho foram:

- Jornais de Broward: *Tribuna Brasileira*, *Brazilian Paper*, *Aki Classificados*, *Achei Classificados*, *Tititi*, *Gazeta* e *Brazilian News*.
- Jornais evangélicos (Broward): *Imigrante Cristão*, *Mundo Evangélico* e *Flórida Gospel*.
- Jornais de Miami-Dade: *Florida Review* e *BR Point. Com*.
- Jornal de Fort Meyers: *Momento Brasileiro*.
- Jornais publicados em outros estados que também circulam na Flórida: *Brazilian Press* e *Brazilian Times* (com sucursal na Flórida).
- Revistas: *Delles e Dellas*, *Brazilian Press*, *Gatta* e *Sobre Rodas*.
- Outros: *Boletim Cultural do CCBU* e *Lista Telefônica Brasil/USA*.

Algumas características podem ser observadas ao se analisarem esses periódicos. Da primeira, falou-se anteriormente. Eles funcionam como uma empresa para os brasileiros que se propõem a abri-los, pois geram lucro através dos inúmeros anúncios que veiculam.

Uma segunda característica é o espaço dedicado às fotos de eventos e de pessoas da comunidade, aquilo que seria chamado, em uma primeira impressão, de coluna social. Essas páginas dedicadas à vida social da comunidade estão presentes em todos os jornais e na maioria das revistas, sendo que o espaço a elas dedicado é um pouco mais extenso em Broward do que em Miami-Dade. Nos periódicos do primeiro condado, vemos fotos de churrascos, batizados, festas das igrejas e de eventos em boates e danceterias, enquanto no segundo caso são mais freqüentes as fotos de membros do CCBU, de pessoas do consulado e de gente famosa que passou ou reside em Miami. A função das fotos nos jornais (as quais são enviadas para parentes e amigos no Brasil e cuidadosamente guardadas nas carteiras de alguns de meus entrevistados) é reforçar o sucesso conseguido no exterior. Através das fotos, o imigrante pode justificar sua escolha de abandonar seu país e de permanecer por tanto tempo no exterior, e, ao mesmo tempo, reforça sua posição de *status* internamente à comunidade, geralmente derivada de seu sucesso financeiro, e que reverte o curso de sua origem social.

Há algumas diferenças entre os jornais publicados em Miami-Dade e em Broward e também entre os jornais evangélicos e os demais. Essas variações podem ser notadas em termos de diagramação, de tipos de assuntos preferidos para as notícias e de espaço dedicado aos anúncios e à vida social da comunidade. Nessa pesquisa, um estudo comparativo desses aspectos ainda não foi realizado, mas em uma primeira impressão poder-se-ia afirmar que os jornais de Broward costumam reservar mais espaço para fotos e eventos sociais do que os de Miami-Dade e que os jornais evangélicos utilizam a maioria de suas páginas para assuntos relativos aos temas cristãos e para fotos de acontecimentos sociais entre seus fiéis.

O método utilizado na pesquisa foi a história oral, através das entrevistas de história de vida. Dentre as características do mesmo, uma delas foi fundamental neste trabalho: a possibilidade de compreensão do fenômeno social pela perspectiva da subjetividade. As histórias de vida coletadas trouxeram à luz diferentes características da imigração que usualmente não são desvendadas pelas pesquisas convencionais. Outros métodos, como as técnicas quantitativas, são ótimos para vislumbrar os aspectos estruturais das migrações, mas limitam a possibilidade de entendimento da dimensão da subjetividade.

Como foi dito inicialmente, há explicações macroestruturais para a migração do Brasil em direção aos Estados Unidos, todavia esses motivos não são suficientes para justificar escolhas subjetivas específicas que, atreladas aos elementos estruturais, levam as pessoas

a migrar. A história oral é um bom meio para abranger a diversidade de aspectos que permeiam o fenômeno migratório. No caso desta pesquisa, alguns fatores explicativos foram desvendados devido ao uso desse método, tais como a motivação *gay* para escolher o estilo de vida dos Estados Unidos, a maneira sutil de organização da teia social interna à comunidade brasileira, a história desses imigrantes na Flórida (somente possível através da memória, por ser fenômeno muito recente) e as redes de relações e apoio internas aos grupos de migrantes que atingem também o país de origem. Qualquer explicação sobre a imigração de brasileiros para o Sul da Flórida só faria sentido tendo em vista o entrelaçamento entre condições socioeconômicas mais amplas e condições subjetivas, pois o forte peso das situações individuais mostrou-se relevante para a compreensão do fenômeno estudado.

Até o momento, foram gravadas quarenta histórias de vida,¹³ as quais estão sofrendo um processo de transcrição, seguido de textualização e transcrição.¹⁴ As perguntas feitas nas entrevistas são realizadas de maneira que o entrevistado se sinta à vontade para conduzir o curso da narração de sua vida. Geralmente, a pergunta inicial é: “Conte-me sua história...”. O último momento do trabalho de colaboração entre entrevistadora e entrevistado é o pedido de autorização para o uso da história de vida.¹⁵

A partir da minha pesquisa de campo no Sul da Flórida, este artigo procurou enfatizar a especificidade do caso da imigração brasileira, baseando-se nos critérios geografia, origem social e orientação sexual. Tendo em vista essa criterização, o texto tentou explicar a teia social que caracteriza esse grupo de brasileiros. A compreensão da originalidade do caso estudado foi possível devido à história oral, cuja profundidade proporcionou à pesquisa o entendimento das relações entre condições objetivas e subjetivas que orientam a vida no exterior.

Recebido em setembro/2003; aprovado em setembro/2003

Notas

* Doutoranda em História Social da USP.

¹ A pesquisa de campo de doze meses em Miami foi financiada pelo Programa de Doutorado no País com Estágio no Exterior da Capes e deverá ser finalizada em novembro de 2003.

² CAMAROTA, S. e MCARDLE, N. "Where immigrants live". Disponível em: <http://www.cis.org/articles/2003>.

³ Fonte: *Yearbook of Immigration Statistics. Fiscal Year 2002 edition*. Office of Immigration Statistics, Pittsburgh, PA.

⁴ Caracterizado por um setor primário, de mão-de-obra qualificada, e um setor secundário, que abarca mão-de-obra imigrante. Ver: PIORE, M. e SABEL, C. *The Second Industrial Devide*. New York, Basic Books, 1984; PORTES, A. e RUMBAULT, R. *Immigrant America*. Berkeley, California Univ. Press, 1996; SASSEN, S. *The Mobility of Labor and Capital*. New York, Cambridge Univ. Press, 1988.

⁵ Importante lembrar, contudo, que essa paisagem brasileira ao Norte de Broward é muito dinâmica. Desde que cheguei, há dez meses, vi inúmeros estabelecimentos abrirem e outros muitos fecharem.

⁶ Ver: ALVES, José C. e RIBEIRO, Lúcia. Migração, religião e transnacionalismo: o caso dos brasileiros no Sul da Flórida. *Revista Brasileira de Ciência Sociais*, ago. 2002.

⁷ Essa frase é de um dos meus entrevistados residentes em Miami, mas ouvi variações dela em inúmeras entrevistas. Brasileiros de Broward dizem coisas semelhantes quando se trata de descrever pessoas provenientes de Governador Valadares.

⁸ A esse respeito, Rosana Resende, pesquisadora da Universidade de Gainesville, vem desenvolvendo um trabalho comparativo entre os dois condados. Conferir: RESENDE, R. *Tropical Brazucas: a Preliminary Study of Brazilians in South Florida*. Paper for the Mini-Seminar Brazilians Outside Brazil, University of Miami, 8 de abril de 2002.

⁹ Um problema a ser discutido no futuro é se o conceito de comunidade se aplica ao caso dos brasileiros no Sul da Flórida.

¹⁰ Como no caso geral, é impossível saber o número de *gays* brasileiros vivendo na Flórida, mas sua presença é visível e deve alcançar uma porcentagem considerável da comunidade.

¹¹ A exemplo das passeatas *gays* do Rio de Janeiro e de São Paulo, mas que são progressos muito regionalizados.

¹² Isso não quer dizer, de maneira nenhuma, que o número de *gays* brasileiros que conseguem *status* de asilado seja grande e que o processo de obtenção dessa condição seja simples. Os casos que encontrei são raros e isolados.

¹³ Além das entrevistas já gravadas, pretendo gravar mais algumas histórias com retornados no Brasil e devo retornar a Miami para realizar mais algumas entrevistas e obter autorizações para o uso das histórias.

¹⁴ Essa última consiste em transformar o relato oral em narrativa escrita.

¹⁵ Conferir MEIHY, J. C. "Desafios da história oral latino-americana: o caso do Brasil". In: FERREIRA, M.; FERNANDES, T. e ALBERTI, V. *História oral, desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro, FGV/CPDOC, 2000; MEIHY, J. C. *A colônia brasilianista: história oral de vida acadêmica*. São Paulo, Nova Estela Editorial, 1990; MEIHY, J. C. *Manual de história oral*. 3 ed., São Paulo, Loyola, 2000, e 4 ed., 2002.; MEIHY, J. C. *(Re) Introduzindo a história oral no Brasil*. São Paulo, Xamã, 1996.